



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Rede credenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2021

Prevalência de HIV, sífilis e hepatites virais entre trabalhadores e trabalhadoras da saúde na atenção básica e de média complexidade em Santo Antônio de Jesus, Bahia.

Gabriel Serra Almeida¹; Kaio Vinicius Freitas de Andrade²; Fernanda de Oliveira Souza³; Margarete Costa Heliotério³; Paloma de Sousa Pinho³; Tânia Maria de Araújo⁴

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Farmácia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: gabrielunvf@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: kvfandrade@uefs.br
3. Pesquisadoras do Núcleo de Epidemiologia (NEPI), Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nandaolisouza@gmail.com; mcssantos@ufrb.edu.br; lomapinho@gmail.com
4. Coordenadora do Núcleo de Epidemiologia (NEPI), Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC), Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: araujo.tania@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Hepatites; acidentes ocupacionais; vigilância epidemiológica

INTRODUÇÃO

O trabalho em saúde é mediado pelos seus profissionais num eixo entre o ambiente físico e condições psicológicas. Assim, processos dinâmicos e as relações do trabalho tendem a gerar uma ordem dualista de saúde/doença, agravada pelos acidentes de trabalho e condições ocupacionais, requerendo ações de vigilância epidemiológica (BRASIL, 2002).

Portanto é condicionado à vigilância epidemiológica implementar ações de promoção, prevenção e assistência à saúde do trabalhador em todos os níveis de complexidade no Sistema Único de Saúde - SUS (BRASIL, 2017). Dessa forma, a linha de defesa frente às doenças são sempre os profissionais da saúde, desde agentes comunitários da saúde (ACS) até médicos especialistas e ambos versam suas ações estabelecendo contato e vínculo paciente-profissional (SILVA et al., 2009).

O presente estudo teve como objetivo descrever a ocorrência de hepatites virais, HIV e sífilis em trabalhadores da saúde, atuantes na atenção primária a saúde e na média complexidade no município de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um inquérito epidemiológico com trabalhadores da atenção básica à saúde do município de Santo Antônio de Jesus, Bahia, entre junho e dezembro de 2019. Para coleta de dados utilizou-se um questionário contendo perguntas sobre condições e características de trabalho, dados sociodemográficos, conhecimento das fontes de infecção, situação de imunização/vacinação e situação de saúde. Os participantes foram testados para HIV, sífilis e hepatites virais (B e C) por meio de testes sorológicos imunocromatográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 453 trabalhadores da saúde (TS). Entende-se como TS todas as pessoas envolvidas no atendimento à população e participantes do funcionamento das unidades.

Houve predominância do sexo feminino (82,8%), com faixa etária entre 31-49 anos (64,5%) com média de 42 anos ($\pm 9,9$), indivíduos casados (46,6%), com filhos (72,4%), ensino superior (31,5%), renda média mensal de até 2 salários mínimos aproximadamente e autodeclarados pardos (49%). Destacam-se a categoria de Agente Comunitário de Saúde (ACS) (24,5%), em média 10,7 ($\pm 7,8$) anos de carreira, concursados (66,2%), turno de trabalho integral (77%) e com jornada ≥ 40 horas semanais (69,3%). Os testes rápidos para sífilis, HIV e hepatites B e C foram realizados em laboratório e resultados estão dispostos na tabela abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 – Resultados dos testes sorológicos para HIV, sífilis e hepatites virais em trabalhadores da atenção primária e média complexidade, Santo Antônio de Jesus, 2019.

Variáveis	Quantidades	
	N	%
Teste rápido para HIV		
Não reagente	422	93,16
Não realizado	31	6,84
Teste rápido para sífilis		
Reagente	3	0,66
Não reagente	420	92,72
Não realizado	30	6,62
Teste rápido para hepatite B		
Reagente	3	0,66
Não reagente	420	92,72
Não realizado	30	6,62

Teste rápido para Hepatite C		
Reagente	2	0,44
Não Reagente	421	92,94
Não realizado	30	6,62

Fonte: AUTOR, 2021.

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) possuem pluralidade de agentes e meios de transmissão, entretanto, o contato sexual desprotegido ainda é o principal mecanismo. A hepatites B e C, sífilis e HIV são exemplos de infecções com possibilidade de transmissão além da sexual (NOGUEIRA, 2020).

A população estudada abrange uma questão adicional: o risco ocupacional. Segundo a OMS, em média 35 milhões de trabalhadores da saúde estão expostos a fluidos biológicos infectantes e destes, 170.000 representam a exposição ao HIV (NOGUEIRA, 2009). No presente inquérito epidemiológico não houve resultados positivos para HIV.

Estima-se, segundo a OMS, uma prevalência mundial de 0,5% (com variação de 0,1% à 1,6%) de casos de sífilis. Foram registrados em 2019, no Brasil, uma prevalência de 72,8/100.000 para sífilis adquirida (BRASIL, 2020). Na região estudada foi estimada a prevalência de 0,66% dos casos. No presente estudo, as hepatites virais, representaram respectivamente 0,44% e 0,66% dos participantes.

As ISTs possuem meios de transmissão semelhante, logo, pode-se aferir, uma relação de fatores associados e de risco também semelhantes. As populações estão expostas a essas infecções de maneira variável à suas relações sociais, de trabalho e experiências vivenciadas ao longo da vida (MARTINS et al., 2011).

As variáveis que indicam exposições de risco aumentado, revelaram: não utilização drogas injetáveis (94,92%), não possuía 3 parceiros ou mais (87,42%), não transplantados (98,68%), não possuem tatuagem ou piercing (82,12%), não realizaram acupuntura (85,65%), já passaram por tratamento cirúrgico (80,35%), nunca fizeram hemodiálise (98,68%) e não realizaram transfusão sanguínea (92,05%).

A variável relacionada ao número de parceiros sexuais possui relação de risco importante. Em estudo de corte transversal no município de São Paulo esta variável foi associada em maior risco quando há relação homoafetiva entre homens, prática de sexo anal e não uso de preservativo (PINTO et al., 2018).

A não assepsia dos objetos e equipamentos utilizados em procedimentos condicionam um fator transmissor, podendo ser associado a situações de risco como acidentes

ocupacionais, procedimentos cirúrgicos, compartilhamento ou uso de drogas injetáveis, procedimentos estéticos, culturais e religiosos como piercing e tatuagens, circuncisão, acupuntura e até serviços de barbearia e salão (MARTINS, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazem-se necessários estudos adicionais, assim como maior vigilância e monitoramento da saúde destas pessoas, que são linha de frente na atenção primária e média complexidade. É necessário o fortalecimento das questões de epidemiologia nos currículos acadêmicos assim como elaboração de campanhas e políticas de educação em saúde para estes trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Sífilis: **Boletim epidemiológico**, Brasília. Out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção básica. **Saúde do trabalhador**, n. 5. 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Vigilância em Saúde do Trabalhador**: um breve panorama, n. 18, v. 48. 2017.

SILVA, J. A. D; et al. Investigação de acidentes biológicos entre profissionais de saúde. **Escola Anna Nery**, v. 13, n. 3, p. 508-516. 2009.

NOGUEIRA, Wynne Pereira et al. **Prevalência e fatores associados à infecção por sífilis, HIV, hepatite B e C em população ribeirinha**. 2020.

NOGUEIRA, José Agostinho de Almeida. **Prevalência da exposição ocupacional de profissionais de saúde oral portugueses a produtos biológicos**. 2009. Tese de Doutorado.

MARTINS, T.; NARCISO-SCHIAVON, J. L.; DE LUCCA SCHIAVON, Leonardo. Epidemiologia da infecção pelo vírus da hepatite C. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 57, n. 1, p. 107-112, 2011.

PINTO, Valdir Monteiro et al. Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2423-2432, 2018.